

**IRACEMA**

LENDA DO CEARÁ

**JOSÉ DE ALENCAR**




CLASSICOS  
SARAIVA



# IRACEMA

LENDA DO CEARÁ

# JOSÉ DE ALENCAR

 CLÁSSICOS  
SARAIVA

Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010  
para as capas da coleção. *How Magazine* é  
renomada revista americana de design gráfico

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers — 2008  
para o projeto gráfico da coleção pelo  
American Institute of Graphic Arts (AIGA)

2ª edição

Conforme a nova ortografia



**Editora  
Saraiva**

**Gerente editorial**

Rogério Gastaldo

**Coordenação editorial e de produção**

Edições Jogo de Amarelinha

**Editora-assistente**

Solange Mingorance

**Projeto gráfico, capa e edição de arte**

Rex Design

**Ilustração da capa**

Carvall

**Diagramação**

Rex Design

**Cotejo e revisão de originais**

Verba Editorial

**Preparação de textos**

Rita Narciso Kawamata

**Revisão**

Ana Cristina Garcia e Lúcia Helena Ferreira

**Elaboração *Diários de um Clássico*, *Contextualização Histórica* e *Suplemento de Atividades***

Rodrigo Ribeiro

**Elaboração *Entrevista Imaginária* e *Projeto Leitura e Didatização***

Davi Fazzolari

**Impressão e acabamento**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Alencar, José de, 1829-1877

Iracema : lenda do Ceará / José de Alencar -- 2<sup>a</sup> ed.

São Paulo : Saraiva, 2009. -- (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades

Suplementado por roteiro do professor

ISBN 978-85-02-05964-1

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

CDD-869.93

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romance : Literatura brasileira 869.93

© Editora Saraiva, 2009

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

[www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)

[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

4<sup>a</sup> tiragem

2017

Visite o *site* dos Clássicos Saraiva:

[www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva](http://www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva)

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – simulação de uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!



# SUMÁRIO

## IRACEMA

PRÓLOGO (DA 1ª EDIÇÃO)	9
CAPÍTULO 1	13
CAPÍTULO 2	15
CAPÍTULO 3	17
CAPÍTULO 4	19
CAPÍTULO 5	21
CAPÍTULO 6	23
CAPÍTULO 7	25
CAPÍTULO 8	27
CAPÍTULO 9	29
CAPÍTULO 10	32
CAPÍTULO 11	34
CAPÍTULO 12	37
CAPÍTULO 13	39
CAPÍTULO 14	42
CAPÍTULO 15	45
CAPÍTULO 16	48
CAPÍTULO 17	51
CAPÍTULO 18	54
CAPÍTULO 19	56
CAPÍTULO 20	58
CAPÍTULO 21	60
CAPÍTULO 22	63
CAPÍTULO 23	66
CAPÍTULO 24	69
CAPÍTULO 25	71
CAPÍTULO 26	73
CAPÍTULO 27	76
CAPÍTULO 28	78
CAPÍTULO 29	80
CAPÍTULO 30	83
CAPÍTULO 31	85
CAPÍTULO 32	87
CAPÍTULO 33	90
NOTAS – ARGUMENTO HISTÓRICO	92
CARTA AO DR. JAGUARIBE	95

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO	101
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	121
ENTREVISTA IMAGINÁRIA	131





## PRÓLOGO (DA 1ª EDIÇÃO)

Meu amigo.

Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, a que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.

Imagino que é a hora mais ardente da sesta.

O Sol a pino dardeja raios de fogo sobre as areias natais; as aves emudecem; as plantas languem. A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o gênio, as duas mais brilhantes expressões do poder criador.

Os meninos brincam na sombra do outão, com pequenos ossos de reses, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, há quantos anos, em outro sítio, não mui distante do seu. A dona da casa, terna e incansável, manda abrir o coco verde, ou prepara o saboroso creme do buriti para refrigerar o esposo, que há pouco recolheu de sua excursão pelo sítio, e agora repousa embalando-se na macia e cômoda rede.

Abra então este livrinho, que lhe chega da corte imprevisto. Percorra suas páginas para desenfastiar o espírito das coisas graves que o trazem ocupado.

Talvez me desvaneça amor do ninho, ou se iludam as reminiscências da infância avivadas recentemente. Se não, creio que, ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravio que lhe vem da várzea. Derrama-o, a brisa que perpassou nos spatos da carnaúba e na ramagem das aroeiras em flor.

Essa onda é a inspiração da pátria que volve a ela, agora e sempre, como volve de contínuo o olhar do infante para o materno semblante que lhe sorri.

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivazes de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmuros do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

Para lá, pois, que é o berço seu, o envio.

Mas assim mandado por um filho ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desafeição, qual sorte será a do livro?

Que lhe falte hospitalidade, não há temer. As auras de nossos campos parecem tão impregnadas dessa virtude primitiva que nenhuma raça habita aí, que não inspire o hálito vital. Receio, sim, que o livro seja recebido como estrangeiro e hóspede na terra dos meus.

Se porém, ao abordar as plagas do Mocoripe, for acolhido pelo bom cearense, prezado de seus irmãos ainda mais na adversidade do que nos tempos prósperos, estou certo que o filho de minha alma achará na terra de seu pai, a intimidade e conchego da família.

O nome de outros filhos enobrece nossa província na política e na ciência; entre eles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquele que primeiro o criou.

10 Neste momento mesmo, a espada heroica de muito bravo cearense vai ceifando no campo da batalha ampla messe de glória. Quem não pode ilustrar a terra natal, canta as suas lendas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos.

Acolha pois esta primeira mostra para oferecê-la a nossos patrióticos, a quem é dedicada.

Este pedido foi um dos motivos de lhe endereçar o livro; o outro saberá depois que o tenha lido.

Muita coisa me ocorre dizer sobre o assunto, que talvez devera antecipar à leitura da obra, para prevenir a surpresa de alguns e responder às observações ou reparos de outros.

Mas sempre fui avesso aos prólogos; em meu conceito eles fazem à obra o mesmo que o pássaro à fruta antes de colhida: roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois.

Na última página me encontrará de novo; então conversaremos a gosto, em mais liberdade do que teríamos neste pórtico do livro, onde a etiqueta manda receber o público com a gravidade e reverência devida a tão alto senhor.

Rio de Janeiro, maio de 1865.  
JOSÉ DE ALENCAR



*À Terra Natal*  
um filho ausente.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia'  
nas frondes da carnaúba.

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos  
raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas  
de coqueiros.

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuo-  
sa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearen-  
se, aberta ao fresco terral a grande vela?<sup>2</sup> Onde vai como branca  
alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando  
veloce, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue  
americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço  
das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra  
selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que  
ressoa entre o marulho das vagas:

– Iracema!<sup>2</sup>

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos pre-  
sos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por  
tênue lágrima cai sobre o jirau<sup>3</sup>, onde folgam as duas inocentes  
criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde  
nasci, à calada da noite, quando a Lua passeava no céu argente-  
ando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e  
desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares; e a  
borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

<sup>1</sup> *Onde canta a jandaia*: diz a tradição que Ceará significa, na língua indígena, *canto de jandaia*. Ceará é o nome composto de *cemo* – cantar forte, clamar, e *ará* – pequena arara ou periquito. [Nota do Editor: esta e outras notas são de autoria do próprio Autor, porém foram simplificadas para esta edição.]

<sup>2</sup> *Iracema*: em guarani significa *lábios de mel* – de *ira* – mel, e *tembe* – lábios. *Tembe* na composição altera-se em *ceme*, como na palavra *cemeiba*.

<sup>3</sup> *Jirau*: na jangada, é uma espécie de estrado onde se acomodam os passageiros; às vezes o cobrem de palha.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspeie a bonança mares de leite!

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volta às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.